

O Brasil não pode perder o bonde

economia - Brasil

Cláudio Vignatti – Deputado federal pelo PT catarinense

No Brasil, de acordo com a agência de promoção de exportadores do Brasil – Apex, no ano passado foram movimentados em torno de 100 milhões de dólares provenientes da exportação de alimentos com selo verde. Para este ano, a previsão é de 115 milhões de dólares.

No País, a produção de orgânicos se firmou nos últimos seis anos. Um importante dado a ser destacado é que 70% da produção de orgânicos estão nas mãos de pequenas propriedades familiares.

Em Santa Catarina, vivem atualmente cerca de 5,3 milhões de pessoas das quais 20% estão no meio rural. De acordo com o Censo Agropecuário de 1995/96, as propriedades com até 50 hectares representam 89,7% do total de estabelecimentos rurais no Estado.

Essa condição de minifúndios aliada à topografia acidentada limita o número de produtores competitivos. No entanto, novas oportunidades e nichos surgem com a maior abertura do mercado interno, onde estão presentes novas tendências e preferências, entre elas, os alimentos orgânicos.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO em 2001, aproxi-

madamente 15,8 milhões de hectares se encontravam sob manejo orgânico no mundo. Atualmente, são mais 17 milhões de hectares.

Sabe-se que a classe A é a que mais consome produtos orgânicos em virtude dos preços serem mais altos do que os alimentos considerados convencionais. Porém, é importante destacar que nas feiras livres, os pequenos agricultores podem comercializar os seus produtos, havendo uma grande visitação do público e transformando-se em sucesso.

O que se deve assegurar é o crescimento do mercado interno dos produtos orgânicos. Lá fora, o mercado já está garantido. Mesmo que o custo de produção seja, no início, mais elevado do que a produção tradicional, baseada em agentes químicos para deixar os produtos com uma “aparência” melhor, cada vez mais as pessoas estão a procura de alimentos que realmente sejam livres de químicos que prejudicam o organismo, promovam a saúde, e sem esquecer, colaboram com o meio-ambiente. É uma tendência mundial e há muito espaço para crescer.

■ A primeira parte deste artigo foi publicada ontem